

13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

HISTÓRIA

DE MORTIS IN VRBS ET ORBI: REPRESENTAÇÕES DAS PRÁTICAS FUNERÁRIAS NO SÉCULO I A.C.

¹ Paulo Marcio Feitosa de Sousa (IC-UNIRIO); ¹ Claudia Beltrão (Orientador)

1 – Departamento de História; Escola de História; Centro de Ciências Humanas e Sociais; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Apoio Financeiro: IC/UNIRIO

Palavra-Chave: Roma Antiga, Ritos funerários, morte.

INTRODUÇÃO

As questões de morte para os romanos tinham significados variáveis, parte preocupação religiosa, parte problema prático. E quando voltamos para as atitudes em relação aos profissionais romanos que realmente tratavam dos cadáveres, os libitinarii, nos deparamos com uma situação ainda mais ambivalente. Como mediadores entre os mundos dos vivos e dos mortos, os trabalhadores no comércio funerário são agentes humanos do mecanismo institucional criado para acomodar tanto a necessidade do público em assegurar o escoamento eficiente de restos humanos e o quase universal desejo por parte dos vivos de tratar respeitosamente os mortos. Malinowski (1954, 47-48) descreve a lacuna criada por essa polaridade humana como “o amor aos mortos e repúdio aos corpos”. Observamos, portanto, que as funerárias representam um ponto focal natural de um complexo de valores que são, muitas vezes, intrinsecamente contraditórios: seu trabalho, na definição de Bodel (2000) “é geralmente considerado como necessário e de mau gosto e, ao mesmo tempo, purificador e inerentemente sórdido”.

OBJETIVO

- 1º. Realizar um levantamento bibliográfico e documental relativo à morte e aos ritos funerários em Roma, para a constituição do corpus documental definitivo e visando à constituição de um catálogo.
- 2º. Demonstrar como as tentativas de se representar a existência da alma, especialmente através da documentação textual, e os modos de lidar com seus antepassados, através da documentação textual e material, trazem consigo sinais de devoção pessoal que se contrapõe à projeção pragmática moderna na religião romana.
- 3º. Compreender como a sociedade romana do período via e interagia com a morte e os ritos funerários, e como as outras cidades da Itália Romana – nos restringiremos a cidades da Itália Central –, influenciaram e foram influenciadas pelos mesmos.

METODOLOGIA

Procedemos analiticamente pelo método da leitura isotópica de A. Greimas e J. Courtès, como sistematizado por Ciro Cardoso (1997). No caso da documentação imagética, utilizamos as propostas metodológica de Erwin Panofsky (2002), e de Martine Joly (1994).

RESULTADOS

A religião funerária nos permitiu diversas análises feitas sobre a sociedade romana do século I a.C. – período por nós trabalhado – desde a análise de crenças particulares existentes sobre a alma e permanência/existência dela no post mortem e, por isso, uma preocupação no “mundo dos vivos” com o tratamento dos corpos que levaram a criação de testamentos com determinadas obrigações (que gerou uma comunicação apresentada no NEA-UERJ/2013) ou mesmos os rituais, como o representado em um relevo do século I a.C., em Abruzzo, Itália, demonstrando uma procissão funerária (gerando uma comunicação apresentada no LHIA-UFRJ/2013) com determinados agentes que as compunham, o que nos levou aos libitinarii.

Nossa pesquisa se iniciou com as práticas funerárias romanas no século I a.C., porém, com seu desenvolvimento e a partir de documentos encontrados – recentemente – ao longo da mesma, como a Lex Libitina Puteolana e a Lex Cumana, a pesquisa passou a ter como recorte mais específico e, portanto, a ser trabalhada sob a perspectiva dos libitinarii que, como agentes funerários e, consequentemente, intimamente ligados às questões sobre a morte, sofrem os estigmas sociais derivados dos sentimentos e concepções através dos quais a sociedade concebia a morte. Em contrapartida, são também necessários no que tange ao âmbito prático dos cuidados dos corpos, concedendo aos libitinarii uma importância religiosa.

CONCLUSÃO

A morte em Roma era visível, falada e idealizada. Um mosaico cultural e uma síntese ideológica-religiosa de influências e significações. Portanto, o estudo das práticas funerárias romanas nos fornece ideias sobre diferenciação social, grau de influência/trocas de costumes, ou seja, expressões culturais e históricas, num momento (entre a República e o Principado) em que grandes transformações ocorreram, em perspectivas de uma sociedade abordando não somente (como a maioria das fontes), mas também, um viés elitizado.

A partir das leituras de Cícero, em especial o Livro I das Tusculanae, podemos observar as diversas perspectivas que havia sobre a existência ou inexistência da alma e, em toda a discussão que foi feita na obra, por Cícero, e sobre a obra, nos demonstrou uma complexidade no que tange aos pensamentos relativos a morte e, portanto, noções de uma atitude religiosa que vão além da visão meramente pragmática atribuídas por muitos historiadores à religio romana.

13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Apesar da evidência da morte romana ser rica e variada, e ser importante para uma série de estudos, a morte romana, do leito de morte até a vida após a morte, ainda é pouco explorada como assunto. Como nos aponta Hope (2007), suas evidências, no entanto, são frequentemente divididas e estudadas por sua natureza, seja ela arqueológica, literária, monumental (Toynbee, 1996), visual ou epigráfica (Joshel, 1992; Carrol, 2006), e só raramente são os diferentes campos unidos. Nossa pesquisa se torna, nesse sentido, ainda mais importante enquanto inovação no que tange a área de antiguidade.

REFERÊNCIAS

- BEARD, M.; NORTH, J.A.; PRICE, S.R.F. *Religions of Rome*. v. 1 (A History); v. 2 (A Sourcebook). Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- BELTRÃO, C. A Religião na urbs. In: MENDES, N.M.; SILVA, G.V. (orgs.) *Repensando o império romano*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006: 137-159.
- _____. Interações religiosas no Mediterrâneo romano: práticas de acclamatio e de interpretatio. In: CANDIDO, M.R. (org.) *Memórias do Mediterrâneo Antigo*. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2010: 42-60.
- _____. Cidadania e Religião na Roma Antiga. In: BUENO, A.S. (org) *História e Cidadania*. Anais do V Colóquio de História do Vale da União. União da Vitória: Fund. Araucária/FAVIVU, 2011.
- BURKE, P. Iconografia e Iconologia. In: *Testemunha Ocular: história e imagem*. São Paulo: Edusc. 2004: 43-56.
- CARROLL, M. *Spirits of the Dead. Roman Funerary Commemoration in Western Europe*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- CARDOSO, C.F.S. *Narrativa, Sentido, História*. Campinas: Papirus, 1997.
- CURCHIN, L.A. Funerary Customs in Central Spain: the Transition from pre-Roman to Roman practice. *Hispania Antiqua* 21, 1997.
- FAVRO, D.; JOHANSON, C. Funeral Processions in the Roman Forum. *Journal of the Society of Architectural Historians*, Vol. 69, 2010: 12-37.
- FLOWER, H.I. *Ancestor Mask and Aristocratic Power in Roman Culture*. Oxford: Clarendon Press, 1996.
- _____. The art of forgetting: disgrace e oblivion in Roman political culture. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2006: 55 – 57.
- GEERTZ, C. A Religião como sistema cultural. In: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 2008.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas e sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989.
- HACKWORTH PETERSEN, L. *The Freedman in Roman Art and Art History*. Cambridge and New York: Cambridge University Press, 2006.
- HITCHNER, R.B. The Culture of Death and the Invention of Culture in Roman Africa. *Journal of Roman Archaeology*, 1995.
- HODDER, I. *The Present Past: An Introduction to Anthropology for Archaeologists*. London: Batsford, 1982.
- JOLY, M. *Introdução à análise da imagem*. Lisboa: Edições 70, 1994.
- JONES, R.F.J. The Roman cemeteries of Ampurias Reconsidered. In: BLAGG, T.F.C.; JONES, R.F.J. and KEAY, S.J.(eds.), *Papers in Iberian Archaeology part 1*, British Archaeological Reports International Series, 1984.
- _____. Rules for the Living and the Dead: Funerary Practices and Social Organisation. In: STRUCK, M. (ed.), *Romerzeitliche Graber als Quellen zu Religion. Bevölkerungsstruktur und Sozialgeschichte*, Mainz: Mainz University, 1993.
- JOSHEL, S.R. *Work, Identity and Legal Status at Rome*. Norman and London: University of Oklahoma Press, 1992.
- KOORTBOJIAN, M. In commemorationem mortuorum: text and image along the “street of tombs”. In: ELSNER, J. (ed.) *Art and Text in Roman Culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- _____. *Myth, Meaning and Memory in Roman Sarcophagi*. Berkeley: University of California Press, 1995.
- MALINOWSKI, B. *Magic, Science and Religion*. Garden City, NY: Doubleday Anchor Books, 1954.
- MANDER, J. *Portraits of Children in Roman Funerary Monuments*. Cambridge University Press, 2012.
- NOY, D. ‘Half-Burnt on an Emergency Pyre’: Roman cremations which went wrong. *Greece & Rome*, 2000: 186 – 96.
- PANOFKY, E. Iconografia e Iconologia. In: _____. *O significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 2002: 47-87.
- RUPKE, J.(ed.) *A Companion to Roman Religion*. Oxford. Blackwell Publishing Ltd, 2007.
- SCHEID, J. *La religion des romains*. Paris: Armand Colin, 1998.
- SCHMITT, J.C. *Introdução*. In: _____. *O corpo das imagens*. São Paulo: EDUSC, 2007.
- STRUCK, M. Integration and Continuity in Funerary Ideology. In: METZLER, J.; MILLETT, M.; ROYMANS, N. and SLOFSTRA, J. (eds.), *Integration in the Early Roman West. The Role of Culture and Ideology*, Luxembourg: Musée Nationale d’Histoire et d’Art, 1995.
- TOYNBEE, J.M.C. *Death and Burial in the Roman World*. The Johns Hopkins University Press, 1996.